

Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo

Cristina Prates*

Resumo

Buscando compreender a tensão que se estabelece entre biografia e criação literária, este trabalho pretende dialogar com as memórias poéticas de Conceição Evaristo, sobretudo com o romance **Becos da memória**, espaço no qual se dramatizam várias vozes identitárias que, lembradas por uma poética da etnicidade, encenam histórias afro-mineiras, promovendo, pela alquimia da linguagem afetiva, a libertação das lembranças e a redenção do passado.

Palavras-chave: Memória; Biografia; Ficção; Etnicidade; Literatura.

Em entrevista inserida no livro **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação, do poeta, pesquisador e ensaísta Edmilson de Almeida Pereira, Conceição Evaristo profere a seguinte declaração:

O texto nasce de quem? O texto não é uma criação de um sujeito? Explicando melhor: para mim, a autonomia do texto em relação ao seu autor é relativa, e muito. O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta foi criado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral. Sujeito da criação do texto e que pode, inclusive, criar uma personagem que finge ser o autor e que faz parte da própria ficção do texto. Alguém, entretanto, criou esse fingidor que finge ser o autor e esse alguém é o autor concreto, o fulano de tal criador(a) da obra. E nesse sentido, afirmo que, quando escrevo, sou eu Conceição Evaristo. Uma cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina Ainá etc., que está a criar personagens, enredos, a escolher modos de trabalhar com a linguagem, a partir de uma história, de uma experiência pessoal, intransferível. Afirmo que minha condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias, me permite uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro, e que tudo isso influencia a minha escrita, conduzindo o ponto de vista,

* Universidade Veiga de Almeida – UVA.

a perspectiva, o olhar que habita em meu texto. Será que alguém escreve o texto de outro? Eu não me acredito capaz de criar no meu texto uma perspectiva, um modo de olhar indígena ou cigano, por mais que eu compactue, me comprometa com as lutas desses povos. Como eles, experimento uma história de exclusão, mas de um outro lugar. Posso tentar e criar um arremedo, talvez. (PEREIRA, 2007, p. 285).

Nas palavras da escritora, ressoam respostas para aquelas perguntas que, de há muito, andam inquietando teóricos de literatura, ensaístas voltados para os estudos culturais, pesquisadores da história, ou da sociologia, a propósito de inúmeras questões, entre as quais ressaltamos: existiria uma literatura afrodescendente como ramificação da literatura brasileira? É possível conceber uma escrita feminina ou, mais ainda, uma escrita afro-feminina?

Consoante com sua declaração, a obra de Evaristo torna-se vivo testemunho de que, hoje, a literatura brasileira seria impensável sem as vozes negras de Ponciá Vicêncio – moldada de barro e de arco-íris –, de Maria Nova – filha dos becos da memória –, ou da narradora que ainda procura, em andanças pelos interiores mineiros, a mineral cor dos olhos d'água de sua mãe. Mãe que se faz rainha para driblar a fome das filhas, alimentadas por pedacinhos de nuvens, doces algodões de ternura, que enriquecem o imaginário dos leitores brasileiros por tanto tempo, esquecidos de que, nesse país, existem crianças negras, pobres e profundamente ricas de muitas, muitas histórias... histórias que vêm das águas de Mamãe Oxum! “Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.” (EVARISTO, 2010).

E, para não contemplar a vida apenas na superfície, é preciso ler as escrituras de Conceição Evaristo como representações de uma afirmação identitária construída por uma voz legítima que se fia à narrativa, voz que se quer e que se afirma como verdadeira representante da diáspora africana, tatuada nas experiências existenciais da autora.

Mas, para construir esse discurso étnico-literário, necessária se fez a construção de uma poética da etnicidade, ou seja, a feitura de um texto que privilegia, antes de mais nada, esse atrito de palavras que trazem lembranças de atlânticas viagens, vindas nas bênçãos de Nêngua Kainda, sons e ritmos da língua dos antepassados, o banto que virou banzo, no processo de desafrikanização, processo que solapou identidades, recuperadas, agora, pela memória poética. De um passado mais-que-perfeito, a linguagem vai se mesclando a tons mineiros, de sibilantes esses, língua agora cantada e encantada no pretérito perfeito pelos entes mais próximos, como a frase mágica da mãe – “Vó Rita dormia embolada com ela” (EVARISTO, 2010) –, sobre a qual Evaristo fez a seguinte declaração:

O primeiro romance que escrevi nasceu de uma frase que escutei de minha mãe. Estávamos conversando sobre histórias passadas, quando minha mãe se referindo a uma senhora que conheci na minha infância disse a seguinte frase: “Vó Rita dormia embolada com ela.” Não sei por que, mas essa frase me soou tão bonita, diferente. Eu estava em Belo Horizonte de férias. A frase me voltava constantemente, no pensamento e na boca. Quando voltei para o Rio, comecei a escrever o romance. (EVARISTO, 2010)

Becos da memória é o romance a que Evaristo faz referência, conforme nos relata Omar da Silva Lima, numa entrevista que realizou com a escritora, para a tese de doutorado **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. (LIMA, 2009, p. 155).

De fato, a frase é mágica: nas aliterações do /r/ e nas assonâncias do /e/, engendra-se uma identidade afro-mineira, uma fala que, marcada pelo etos do enunciador, expressa sua maneira de ser, e até mesmo sua corporalidade, trazendo, no tom, o dom de acordar subterrâneos rios dos quais emerge uma especial cartografia, na qual se insere, por sua vez, uma especialíssima comunidade, a do “Morro do Pindura Saia”.

Senão, escutemos como essa voz de mãe se transforma na cena de enunciação, “espaço de soleira” ou “vestíbulo” (GENETTE, 2009, p. 10), com a qual a escritora desenha, no branco do papel, seu convite para que o leitor realize com ela seus primeiros passos nos becos de sua memória:

Vó Rita dormia embolada com ela.

Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós.

Talvez ela pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois, de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor.

Eu me lembro que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para o beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de sol.

Para mim, para muitos de nós, crianças e adultos, ela era um mistério, menos para Vó Rita. Vó Rita era a única que a conhecia toda. Vó Rita dormia embolada com ela. Nunca consegui ver plenamente o rosto dela. (...)

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas de patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando. (...)

Escrevo como homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que

habitam os becos da minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à Velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Anibal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padim.

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela. (EVARISTO, 2006, p. 19-21).

Com o refrão “Vó Rita dormia embolada com ela”, a memória inscrita nos porões da linguagem desperta a “bio/grafia”, essa escrita que se efetua em mão dupla, da vida rumo à grafia ou da grafia rumo à vida, tomando aqui emprestadas as palavras de Dominique Maingueneau, que, no seu livro **O contexto da obra literária** realiza, a nosso ver, um estudo exemplarmente esclarecedor desse binômio vida/obra, que, transformado no tripé “enunciação, escritor, sociedade”, dinamiza e enriquece a compreensão do discurso literário.

Na realidade, a obra não está fora de seu “contexto” biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união. (MAINGUENEAU, 2001, p. 46).

Essas francesas palavras, ora traduzidas por Marina Appenzeller, já se apresentaram no início do nosso texto, quando Evaristo declara que quem escreve é ela, Conceição Evaristo, essa que “criou esse fingidor que finge ser o autor e [que] esse alguém é o autor concreto, o fulano de tal criador (a) da obra”. (EVARISTO, 2010). O texto garante as palavras de ambos, e é nele que se dramatiza a relação entre a autora e sua criação, a menina Maria Nova, personagem cuja voz nos conduzirá ao espaço-tempo mágico no qual se instala o real/ficcional, voz feminina que se faz fiadora não apenas do imaginário pessoal da autora, mas também de um conjunto de representações sociais que incorpora.

Preparando o leitor, como se a anunciar o nascimento de Maria Nova, Evaristo nos presenteia com a escritura há pouco transcrita, que comprova, exemplarmente, essa tensão entre criador e criatura. Inserido antes do romance, torna-se um dos seus últimos paratextos, pois que é precedido da “Dedicatória”, dos “Agradecimentos”, da “Conversa com o leitor” – os três reconhecidamente

autorais – e do metatexto “Costurando uma colcha de retalhos”, prefácio crítico da professora Maria Nazareth Soares Fonseca.

Diferindo da objetividade dos textos anteriores, essa escritura recebe marcas próprias decorrentes de um caráter e de uma corporalidade, uma especial maneira de perceber a realidade: pela memória sensorial, a enunciação dramatiza o cenário da infância pobre, que nos chega no medo daquela misteriosa figura que dormia embolada com Vó Rita. O barulho das tábuas soltas, a visão do barraco e do barranco, o beco escuro, o portão velho de madeira abrem o caminho para novas recordações, recordações acordadas pelo ruído das torneiras, memórias subterrâneas que retornam, trazendo à cena o universo de trabalho daquela comunidade de lavadeiras.

Com a imagem das roupas quarando no varal, ressurge a repulsa de um corpo que se arrepia ao ser tocado por sangue alheio, sangue desconhecido das patroas ricas, sangue que violenta o corpo da criança, numa imagem de tal brutalidade que, além do tempo, permanece no código da linguagem: “E nem entendia e nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando.” (EVARISTO, 2006, p. 20).

Interessante cotejar essa imagem da infância com outra que, refazendo o mesmo cenário, encontra-se, agora, marcada por um etos de ternura. No Portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais, na seção de escritores, encontramos o texto “Conceição Evaristo por Conceição Evaristo”, cujos últimos parágrafos, a seguir, transcrevemos:

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu agora a puxar um eu menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: “O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal. E mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (EVARISTO, 2009).

No feliz neologismo “escrevivência”, e na reorganização de um léxico motivado pela subjetividade, que entrelaça os dois verbos – fundir/confundir – numa experiência única, con(fundem)-se vida e obra, passado e presente, molhados em águas de mãe, que lavam da memória o vermelho, agora azul, azul-anil.

E, aliando a memória aos fios da imaginação, nasce outro eu, o eu poético,

cuja linguagem transforma vida e realidade em figuras, figuras poéticas prenes de simbologia – metáforas e metonímias que paralisam o tempo na magia das “Pequenas lágrimas dos lençóis”, ou nas “Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu”, com os quais, aliás, Evaristo abre o seu livro **Poemas da recordação e outros movimentos**. (EVARISTO, 2008).

Vale aqui lembrar as tão precisas palavras do professor Alfredo Bosi, quanto ao poder que emana dessa palavra poética:

Mesmo quando o poeta fala de seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz, quando poeta, de um modo que não é o senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo eterno da fala, cíclico, por isso absorve, no seu código de imagens e recorrências, os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato.

Nessa perspectiva, a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos mortos –, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente. A épica e a lírica são expressões de um tempo forte (social e individual) que já se adensou o bastante para ser evocado pela memória da linguagem. (BOSI, 1983, p. 112).

De fato, se a vida não explica – “E nem entendia e nem sabia que sangue era aquele” –, ou se a saudade faz doer – “A poesia me visitava e eu nem sabia...” –, as reminiscências fundam, pelos laços familiares ou pelas correntes da amizade, a família real/poético-ficcional da escritora, família que ela homenageia naquele texto da soleira de **Becos da memória**, e cuja transcrição fizemos anteriormente.

Aí estão as homenagens póstumas a Vó Rita e a ela, aquela que residia na casa sombria e que dormia embolada com Vó Rita, a Bondade, ao Tião Puxa-Faca, a Velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, D. Maria, mãe do Aníbal, Catarino, a Velha Lia, Terezinha da Oscarlinda, Mariinha, Donana do Padim, uma cadeia de significantes que evoca, em cada nome, um gesto daquele passado.

Através da afetividade onomástica, constrói-se, então, no ritual da enunciação, um cenário que traduz o movimento humano de um conjunto de representações sociais com as quais a escritora compactua e em cuja trama pretende inserir o leitor.

São, ainda, seus convidados, bêbados, putas, malandros, crianças vadias, lavadeiras, esses com quem nos encontraremos logo à frente, na página seguinte, na qual ocorrerá o diálogo entre vivos e mortos, transeuntes de uma memória em

cujos fios irão se entrelaçar as histórias que a menina Maria-Nova aprendera lá longe, nas longas conversas que paralisavam o tempo, faziam esquecer a fome, driblavam a loucura e a injustiça, histórias que “Um dia ela iria tudo escrever”:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada.

Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. Tinha selos de vários lugares do Brasil e de alguns lugares do mundo. Ganhava, achava, perdia. A igreja do bairro rico ao lado da favela era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. Ganhava das patroas de sua mãe e de sua tia. Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda. (EVARISTO, 2006, p. 35).

Interessante observar a atração da menina pelas coleções de selos e de histórias e sua obstinação para delas ser possuidora, rompendo, para isso, os limites das classes sociais, do espaço urbano e, até mesmo, da nacionalidade: que venham selos dos seus, das patroas ricas, dos padres; que venham do seu mundo ou do estrangeiro, ela os quer juntos, na sua coleção.

Como não nos lembrarmos aqui do colecionador benjaminiano, aquele que Walter Benjamin, ele também um colecionador, conseguiu encontrar naquela Paris do século XIX, uma Paris de lojas e galerias, da arquitetura do ferro e da moda, que atingirá, com a Exposição Universal de 1867, o desenvolvimento máximo da “fantasmagoria da civilização capitalista.”? (BENJAMIN, 1987, p. 148).

Procurando na multidão fisionomias que pudessem salvar as experiências coletivas do vazio, Benjamin identifica, na figura do colecionador, a possibilidade de redenção da mercadoria: o objeto da coleção descontextualizado – retirado do contexto em que vale e no qual é útil – inscreve-se numa nova ordem, a da paixão de quem o coleciona:

O interior é o lugar de refúgio da arte. O colecionador é o verdadeiro ocupante do interior. Ele transfigura os objetos para torná-los coisa sua. Seu papel é o de Sísifo: ao possuir as coisas deve despojá-las de seu caráter de mercadorias. Mas, em lugar de valor de uso, só lhes confere o valor de amor. O colecionador se imagina não só num mundo longínquo ou passado, mas, ao mesmo tempo, num mundo melhor, onde, sem dúvida, assim como no mundo de todos

os dias, os homens não estão desprovidos do que utilizam, mas onde as coisas estão dispensadas da sobrecarga de serem úteis. (BENJAMIN, 2002, p. 698).

A menina pressentia, no seu gosto de colecionar selos e histórias, a forma como, no futuro, iria dar voz a toda aquela experiência vivida no “Morro do Pindura Saia”. Seu olhar de colecionadora não deixaria que o tempo corresse seus objetos de amor: as histórias de Maria-Velha... – “Um dia Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente de seu avô” –; as do Tio Totó, – “A gente atravessa o rio ou fica, Miquelina? Você é por ir ou por ficar?”; as de Bondade – “Maria-Nova, em um barraco desses, há uma menina de sua idade. Quantos anos você tem? Isso mesmo, treze anos. A menina sonha. Infantis desejos, guardar na palma das mãos estrelas e luas”. E as do Negro Alírio? E as suas próprias? – “Maria-Nova, muitas vezes, lia em latim a ladainha de Nossa Senhora. Todos sabiam a ladainha de cor e respondiam em coro: “*Ora pro nobis*”. Maria-Nova, emocionada, lia alto e firme: – *Mater creatoris*. E todos respondiam: – *Ora pro nobis*”. (EVARISTO, 2006).

Ali, espalhadas, aquelas histórias eram peças soltas, e iriam adormecer na indiferença de um tempo corrosivo e destruidor. Dar-lhes vida significava buscar suas partes, relacioná-las ao seu tempo, encontrar os elos de contiguidade que as fariam configurar num todo significativo, para inseri-las, então, no imenso mural-mosaico que seria sua história, e a história de todos os seus, histórias brasileiras, histórias vindas de Minas, vindas de África, vindas dos sonhos e das lembranças, vindas de sua imaginação.

Interpretando Walter Benjamin, Leandro Konder nos lembra que o colecionador se caracteriza por uma paixão que o coloca em contato com o caos das lembranças e que a coleção era o modo pelo qual ele tentava ordenar objetos marcados pelas recordações:

Possuído por uma mania que não se dobra às explicações “bem-comportadas”, o colecionador põe a nu contradições significativas e pode contribuir, mesmo sem intenção, para desbloquear” um quadro estagnado por interpretações dogmáticas. Portanto, podemos perceber que o papel do colecionador é libertar o objeto de sua forma desfigurada. (KONDER, 1989, p. 79).

Não seria essa a arquitetura de **Becos da memória**? Do caos das lembranças, surge um texto em quebra-cabeça, no qual fragmentos substituem bem-comportados capítulos, desbloqueados nas mãos do colecionador. Ao arrancar as

conexões, esse narrador/ colecionador põe a nu cada uma de suas histórias, – ou de suas figurinhas –, libertando-as do fluxo de uma ordem aleatória e irracional, cujo esquema é sempre o formalismo.

Transformadas em casos particulares, em objetos de amor, o colecionador pode, agora, escutar as lembranças de cada história, buscar ações, sentimentos e emoções, associando livremente tempos e espaços reordenados, apenas, por sua memória afetiva. Dessa forma, promove, no espaço ficcional, um tempo impregnado de “agoras”, em que cada presente se comunica com os diversos passados que encenam, na dramatização literária, a redenção dos passados oprimidos. (BENJAMIN, 1987, p. 222-234).

Assim é que nossa menina/colecionara de histórias, a narradora Maria-Nova, cumpriu sua promessa de “contar tudo aquilo ali”. E se, como nos revelou a autora na “Conversa com o leitor”, que “a favela descrita em **Becos da memória** acabou e acabou”, podemos retrucar que Vó Rita continua e continua e que, inclusive, estamos vendo-a agora, agorinha mesmo: grandona, gorda, desajeitada, e do seu coração nascem homens negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos: nasce, do coração enorme, grande de Vó Rita, nasce a humanidade inteira.

Résumé

Pour essayer de comprendre la tension qui s’est installée entre la biographie et la création littéraire, l’article établit un dialogue avec les mémoires poétiques de Conceição Evaristo et notamment avec son roman **Becos da memória**, œuvre où se dramatisent plusieurs voix identitaires qui, réveillés par une poétique de l’ethnicité, mettent en scène des histoires de l’Afrique et de Minas Gerais, et qui engendrent, par l’alchimie du langage affective, la libération des souvenirs et la rédemption du passé.

Mots-clés: Mémoire; Biographie; Fiction; Ethnicité; Littérature.

Referências

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. v. 2. p. 689-704. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/autores/conceicaoovaristo/dados.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.

KONDER, Leandro. **O marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.